

2003-02-20 00:00:00

## **MAIORIA PAGA CRÉDITO A TEMPO E HORAS**

Catarina Frade, directora do Observatório do Endividamento dos Consumidores, diz que “sobreendividamento é ainda um fenómeno invisível em Portugal” e tem valor desconhecido

Carlos Jorge Monteiro



**Correio da Manhã – O elevado endividamento dos portugueses resultou do desejo de melhorar a sua qualidade de vida ou foi uma corrida ao crédito irreflectida?**

Catarina Frade – Os portugueses aproveitaram as condições favoráveis da conjuntura económica, com a baixa continuada da taxa de juro, para investirem na compra de casa e aquisição de bens de consumo, destinados a melhorar as suas condições de vida, que até há algum tempo atrás demoravam muito mais a ser obtidos ou nem sequer eram obtidos. Não quer dizer que no meio desta “corrida” ao crédito não haja pessoas que se tenham deixado seduzir pela maior facilidade de contratação e pela publicidade intensa, se calhar sem necessitarem.

**– O incumprimento do crédito aumentou ligeiramente, nos últimos tempos, e o sobreendividamento já atinge uma expressão grande?**

– O aumento significativo dos casos de incumprimento do crédito tem vindo a ser falado desde finais de 1999, quando houve um aumento das taxas de juro, mas os dados mostram que não foi assim, isto é, que não houve uma explosão da falta de pagamento das dívidas. O sobreendividamento é um fenómeno ainda invisível na sociedade portuguesa. Sabemos que existem, não sabemos quantos são, e não sabemos qual é a dimensão do sobreendividamento.

**– O desemprego cresceu 50 por cento em 2002. Isso poderá fazer disparar o incumprimento do crédito a curto prazo?**

– As alterações nas condições de trabalho, nomeadamente a perda do emprego, constituem a principal, ou uma das principais causas, do incumprimento e até do sobreendividamento. Se há, de facto, uma quebra do rendimento do agregado familiar, as dificuldades financeiras poderão realmente aparecer, porque não se pode separar o peso do seu endividamento do seu rendimento, do seu nível de poupança e até das próprias redes de solidariedade que podem ajudar essa família até arranjarem novo emprego, por exemplo.

**– As redes de solidariedade, que já tiveram uma forte tradição em Portugal, ainda funcionam hoje?**

– A nossa percepção é que ainda continua a haver uma rede de laços familiares que permite, em períodos de maiores dificuldades dos agregados familiares, continuar a pagar, por exemplo, o crédito à habitação, o automóvel, a creche dos filhos. É isso que, por vezes, impede que as famílias entrem em situações financeiras mais graves.

**– A renegociação da dívida é a melhor solução para o incumprimento das dívidas?**

– Não há soluções perfeitas. Há situações em que, se calhar, a melhor resposta é a declaração de falência, outras em que será a renegociação da dívida com os bancos.

**– O consumidor português é bom ou mau pagador?**

– O Banco de Portugal diz que 95 por cento dos consumidores pagam os seus créditos. E pagam a horas. E, mesmo dos cinco por cento de incumpridores, nem todos são irrecuperáveis. Alguns estão apenas em atraso, mas conseguem recuperar.

*António Sérgio Azenha*